

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPECTATIVAS E FORMAÇÃO DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFSM

NEUENFELDT, Derli Juliano¹
CANFIELD, Marta de Salles²

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi de verificar quais as expectativas que os acadêmicos do Curso de Educação Física da UFSM tinham em relação à Prática de Ensino e se essas concretizaram-se ou não. Através de uma metodologia descritiva foram levantados dados referentes a (1) contribuição que pretendiam deixar aos alunos; (2) condições que esperavam para ministrar as aulas; (3) orientação que iriam ter; (4) conhecimentos adquiridos no curso que seriam mais úteis; (5) importância de experiências anteriores como docente; (6) expectativa de vir a trabalhar com a Educação Física escolar e (7) como julgavam a sua preparação profissional. A amostra foi constituída de 47 acadêmicos do 7º semestre e os dados coletados através de um questionário aplicado em dois momentos: anterior a ida nas escolas e no final do semestre. Evidenciou-se que os acadêmicos estão cientes da própria formação, das más condições físicas e materiais para o trabalho, no entanto sentem-se despreparados para enfrentar imprevistos, fato evidenciado pela cobrança da presença constante do orientador da disciplina. Torna-se necessário dar condições adequadas para estes acadêmicos ministrarem suas aulas e envolvê-los com pesquisa, ensino e extensão. Dessa forma os acadêmicos terão maior segurança ao atuarem durante a prática de ensino o que pode influenciar, no futuro, na escolha do campo de trabalho.

UNITERMOS: Educação Física, formação profissional, prática de ensino.

ABSTRACT

PHYSICAL EDUCATION IN THE SCHOOL: EXPECTATION AND FORMATION OF THE STUDENTS OF THE PHYSICAL EDUCATION CURSE OF THE UFSM.

The purpose of this research was to verify what the expectation the students of the Physical Education have in relation to the teaching practices, and if those were reached or not. Thought of a descriptive methodology were collected data about (1) contributions of wanted transmit to their pupils; (2) expectations about the physical and social environment conditions they awaited to teach; (3) orientation they expect to have;

¹ Acadêmico do Curso de Filosofia da UFSM e Mestrando do PPGCMH/CEFD/UFSM

² Orientadora: Profª. Dr.ª Titular CEFD/UFSM

(4) those knowledge acquired during the Course was useful; (5) importance of previous experiences of teaching; (6) expectation about to be teacher of Physical Education and (7) how they judge their professional formation. The sample was constituted by forty-seven students of the 7th semester of the Physical Education Course and the data was collected by a questionnaire in two moments: before they start feel experience and in the end of the semester. It was noted that the students were conscious of their own formation, of the bad physical and material conditions to work, but they feel not being able solve unforeseen situations. It was not verified the constant presence of the teacher of the discipline. It was concluded, that it is necessary to give adequate conditions to the students to prepare them to involve them with teaching, research and extension. In this way the students will have enough ability in their teaching practices. It will influence, in the future, in the choice of their work.

UNITERMS: Physical Education, professional formation, teaching practices.

INTRODUÇÃO

Os cursos de licenciatura em Educação Física têm como principal objetivo, ou ao menos espera-se que tenham, a prioridade de formar profissionais capazes de atuarem como educadores na rede de ensino pública e particular. Sendo assim, os anos que seguem à formação acadêmica voltam-se para atender esse mercado de trabalho, mas será que todos os acadêmicos ao entrarem num curso de licenciatura em Educação Física estão cientes que a sua formação está voltada para a área escolar? Podemos fazer outro questionamento: quais as causas que levam um aluno secundarista a optar por um curso de licenciatura em Educação Física?

O fato dos alunos terem uma vida relacionada a prática de atividades físicas e principalmente esportes podem vir a serem explicações. Esse fato foi comprovado, numa pesquisa realizada na Universidade Federal do Paraná, com 277 acadêmicos do Curso de Educação Física, que buscou levantar as causas de ingressarem no Curso, sendo que 76% o fizeram por gostarem ou terem alguma ligação com o esporte, ou seja, identificam-se com a atividade, enquanto que somente 21% fizeram essa escolha por gostar da ação pedagógica (Rabistek, 1996) e também reforçando Montenegro (1994, p. 37) coloca que “para a maioria dos acadêmicos, o motivo de ingresso no curso de Educação Física é a prática assistemática de atividades físicas em academias e clubes”. No entanto, os alunos ao entrarem num curso superior, passam a ser tratados como indivíduos responsáveis, conscientes da sua escolha e da formação profissional que buscam, mas com que seriedade eles encaram esse compromisso que estão assumindo?

Nos preocupa muito o perfil de profissional da Educação Física que está

sendo formado nas Instituições de Ensino Superior (IES), não somente pela sua capacidade técnica de ministrar uma aula, mas também pela sua concepção de homem, sociedade e mundo que possui, pois isso irá refletir diretamente nos seus alunos. É para essa questão que o Coletivo De Autores (1992, p. 26) alerta: “todo educador deve ter definido o seu projeto político pedagógico. Essa definição orienta a sua prática no nível de sala de aula, a relação que estabelece com seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata cientificamente e metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos”.

Não podemos negar a responsabilidade dos cursos de licenciaturas de formarem profissionais aptos a tornarem-se educadores, mas será que isso está acontecendo? Para Tojal (1989) os cursos de Educação Física, da maneira como vinham sendo ministrados pelas IES, anteriores a Resolução 003/CFE/87, ofereciam a habilitação em licenciatura, formando um profissional de Educação Física voltado para a Educação, no entanto os cursos apresentavam um currículo predominantemente com disciplinas que abrangiam conteúdos da área desportiva e com pequena concentração de disciplinas pedagógicas.

O que podemos perceber é que muitas vezes os acadêmicos durante o Curso de Educação Física não despertam para o compromisso futuro de professor, satisfazendo-se com a prática esportiva e comportando-se como simples praticantes, não vendo a relação dessa prática com o ensino da Educação Física. Dessa forma, os semestres vão passando e quando dão por si estão no 7º semestre quando, no caso da UFSM, está a disciplina de Prática de Ensino, momento de assumirem uma turma de alunos numa escola, de saírem da estrutura paternalista da universidade para depararem-se com a realidade. Neste momento várias dúvidas surgem quanto a formação, a estarem preparados para serem professores, se a dedicação durante o curso foi suficiente para chegarem a esse ponto com segurança. Isso nos leva a perguntar, qual o perfil dos acadêmicos que encontram-se nos cursos de Educação Física?

Medina (1983) colocava que quem pretendesse traçar um perfil do nível de formação de um aluno médio em Escola de Educação Física do primeiro ao último ano, provavelmente iria encontrar alunos que aproximam-se as seguintes características: semi-alfabetizado; incapaz de explicar com clareza a que se propõe a disciplina de Educação Física e quais as suas finalidades; visão mais voltada para alguns esportes do que para outras práticas educativas; dificuldade de entender a importância de uma fundamentação teórica em relação à prática; supervalorização do sentido competitivo das atividades, com ênfase no resultado e na vitória; visão essencialmente individualista e sem a percepção para ver o lado social do processo educativo; possuidor de uma consciência ingênua e extrema dificuldade de comunicação e manutenção de um diálogo efetivo. Essas características referem-se a acadêmicos de Educação Física de mais de uma década, desde então houveram modificações, inclusive nos currículos dos Cursos de Educação

Física que nos levam a crer que muitos destes aspectos foram, se não superados, ao menos melhorados.

As discussões quanto à necessidade de uma reforma curricular surgem a partir da década de 80, que resulta na Resolução 003/C.F.E./87. Segundo Mezzadri (1994) as instituições de Educação Física fundamentavam a necessidade de mudanças em três cláusulas: a) desejavam liberdade para realizar as modificações necessárias dentro de suas perspectivas individuais e das suas peculiaridades regionais, libertando-se da obrigatoriedade de todos os cursos terem o mesmo eixo fundamental (Decreto Lei 705/1969); b) devido a falta de identidade própria da Educação Física e que, com a possibilidade de implantação do curso de Bacharelado, entendia-se que a questão da falta de identidade para a Educação Física seria resolvida dando uma formação mais específica, e c) ao perfil dos profissionais que viriam a ser formados devendo ter capacidade de análise e síntese da realidade, terem consciência das reais necessidades e possibilidades dos cidadãos, dominarem instrumentos, técnicas e métodos correspondentes a sua profissão, serem capazes de identificar e respeitar as diferenças individuais no processo de aprendizagem e estabelecerem um ambiente crítico e reflexivo, dentro de uma proposta emancipatória e educativa.

A reforma curricular, Resolução 003/CFE/87, colocou como obrigatória a inclusão, nos curso de Educação Física, de disciplinas de conhecimento do Homem, da Sociedade e Filosófico, com o objetivo de formar um profissional com uma concepção inovadora e transformadora, comprometido com a melhoria da sociedade, contribuindo para a formação de indivíduos críticos e participativos. Precisamos de profissionais que percebam que estão inseridos dentro de um contexto social, levando os alunos a questionarem a vida que levam, a sociedade e a sua existência enquanto cidadãos. Por isso, Neto (1993) diz que a ação do professor não se limita ao espaço geográfico da escola, já que esta questão encontra-se na base da pretensa dicotomia educador x cidadão. Se o professor não tiver para si a figura forte do cidadão, acaba se tornando instrumento de manipulação, seja ela democrática ou totalitária. O professor precisa ser professor, cidadão e um ser humano rebelde, porque se ele quer mudança, tem que realizá-la nos dois níveis: dentro da escola e fora dela.

Podemos dizer que ao nos depararmos com um curso de licenciatura a grande expectativa é o momento que deixaremos de ser aluno para nos tornarmos professor. A disciplina de Prática de Ensino é um espaço destinado para o acadêmico colocar em prática o seu aprendizado e convertê-lo em ensino. Essa disciplina oportuniza ao acadêmico julgar a sua formação, adquirir experiência e ainda caso durante a sua atuação na escola, se necessário for, voltar à "Instituição Mãe" para buscar orientação e melhores subsídios, suprimindo as suas deficiências e assim poder superar as dificuldades encontradas.

Através da Prática de Ensino somos capazes de avaliar a competência dos acadêmicos para atuarem como professores de Educação Física Escolar, e isso refletirá a

formação que receberam, se está sendo adequada, pois conforme Vieira (1984) havia uma completa desvinculação entre o que era ensinado nos cursos de formação e o que era aplicado nas escolas de 1º e 2º Graus, que são os principais alvos de atuação profissionais. Através da Prática de Ensino somos capazes de avaliar se essa desconexão entre a formação acadêmica e a realidade escolar ainda permanecem, caso esteja acontecendo é necessário encontrarmos as carências na formação dos acadêmicos e tentar saná-las antes que eles deixem a universidade para atuar na sociedade. Assim, estaremos contribuindo para a formação de professores melhores qualificados, seguros e aptos a ministrarem boas aulas de Educação Física Escolar, melhorando a imagem do profissional e da própria Educação Física.

O trabalho do professor de Educação Física nas escolas, muitas vezes, não é reconhecido pela sociedade, sendo desvalorizado até mesmo pelos professores das outras disciplinas, e “os jovens que hoje circulam nos cursos de Educação Física são fruto desse momento de descrença em que vive a sociedade como um todo e, como não poderia deixar de ser, a escola. Com isso, e independente disso, a Educação Física escolar vive também seu momento de descrédito perante a comunidade escolar e a sociedade geral” (Montenegro, 1994, p.39).

Os profissionais que trabalham com a Educação Física são os principais responsáveis pela imagem que ela possui na sociedade e a qualidade do trabalho que desenvolvemos reflete a nossa identidade. É o que colocam Januário & Matos (1996, p. 164) “a identidade profissional é o produto de um olhar para o espelho, em que os fenômenos de reflexo, de imagem e de percepção são determinados histórica, social e culturalmente. O reflexo é o estatuto e o prestígio concedidos a uma profissão; a imagem relaciona-se com os papéis acometidos e respectivo reconhecimento público do contributo que proporciona à sociedade, a auto e heteropercepção de um identidade profissional é a construção da especificidade e complexidade da função social esperada”.

Necessitamos melhorar o nosso trabalho, valorizar a nossa atividade, mostrar a importância da nossa profissão, somente assim reverteremos essa má imagem que existe dos profissionais de Educação Física. Dessa forma, estaremos construindo uma nova identidade, mas para isso “torna-se imperativo a formação de um profissional de Educação Física que, vivenciando e precedendo as necessidades sociais hoje, seja sensível e competente para atuar na sociedade do amanhã. E eis que se pode vislumbrar, numa veia de racionalização, de uma pessoa necessariamente equilibrada, capaz de valorizar a vida em comunidade, que cultive a paz como realidade cotidiana e que detenha conhecimento do movimento humano e de sua pedagogia visando às interações sociais” (Costa, 1988, p. 212). Preocupa-nos a formação do profissional da Educação Física que irá trabalhar nas escolas, pois este possui a função de educador. Portanto, o trabalho que aqui será apresentado é resultado de uma pesquisa realizada com acadêmicos que cursavam a disciplina de Prática de Ensino do Curso de Educação Física da UFSM, em 1996, onde

procurou-se levantar como esses acadêmicos, que foram atuar como professores de Educação Física Escolar, sentiram a passagem de acadêmicos para professor e até que ponto a formação que receberam preparou-os para tal situação.

Foram abordados dados referentes aos seguintes aspectos: (1) contribuição que pretendiam deixar aos seus alunos, (2) as condições que esperavam encontrar para ministrar as aulas, (3) a expectativa da orientação do professor da disciplina e do pessoal da escola, (4) quais os conhecimentos do curso que estão sendo mais úteis para ministrarem as aulas, (5) se a existência de experiências anteriores como docente são significativas, (6) expectativas de vir a trabalhar com a Educação Física Escolar e (7) como os acadêmicos julgam a sua preparação profissional.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, caracterizada como descritiva, ocorreu no segundo semestre letivo de 1996, trabalhando-se com as expectativas dos acadêmicos do Curso de Educação Física da UFSM, que cursaram a disciplina de Prática de Ensino, e a concretização das mesmas.

De uma população de 47 acadêmicos do 7º semestre, matriculados regularmente nessa disciplina, fizeram parte da amostra 42 alunos, onde a perda destes cinco acadêmicos ocorreu devido a eles não estarem presentes na primeira semana de aula ou por apesar de estarem matriculados não iriam cursá-la. A escolha do 7º semestre deu-se devido a esses alunos estarem indo ministrar aulas de Educação Física Escolar, como exigência do Curso, pela primeira vez e pelo fato de já terem cursando praticamente todas as disciplinas, ou seja, sua formação acadêmica estava quase completa.

O instrumento de coleta utilizado foi um questionário contendo sete questões descritivas, construído com base numa matriz analítica (ANEXO 1). Como trabalhou-se com expectativas e concretização destas expectativas, obrigatoriamente a coleta de dados deu-se em dois momentos distintos. No primeiro momento, anterior a ida dos acadêmicos para as escolas, aplicou-se o primeiro questionário à fim de verificar as expectativas deles quanto a Prática de ensino e a sua formação.

No segundo momento, que ocorreu no final do semestre letivo, os acadêmicos tendo em mãos o primeiro questionário puderam verificar as expectativas que tinham e responder ao segundo questionário que continha as mesmas questões, para dizerem se as suas expectativas concretizaram-se ou não.

Conforme os objetivos deste trabalho, os dados coletados através dos questionários foram analisados relacionando-se o primeiro momento, que corresponde as expectativas dos acadêmicos, com o segundo, que refere-se a elas acontecerem ou não.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação a (1) expectativa das contribuições que pretendiam deixar aos seus alunos, 90,47% dos acadêmicos tinham boas intenções, estavam dispostos a desenvolverem um trabalho de qualidade e significativo. Esperavam poder passar os conhecimentos que adquiriram no Curso, ensinar coisas úteis, ajudar os alunos a descobrirem coisas novas, despertar o gosto pela Educação Física, mostrar a importância da atividade física e conscientizá-los para uma prática regular e futura. Tudo isso na busca de contribuir na formação dos alunos, muitas vezes mencionada como a busca do desenvolvimento integral. Este desejo também foi verificado numa pesquisa feita por Montenegro (1994) com futuros profissionais do Ensino da Educação Física quando foi encontrado que se fossem atuar em escola, esperavam contribuir de alguma forma, ainda não definida, para a formação das crianças.

No segundo momento, onde se verificou se acreditavam terem concretizado as contribuições que pretendiam alcançar, 69,23% dos acadêmicos disseram que conseguiram atingir seus propósitos, sentindo que a sua atuação como professores de Educação Física foi significativa, que contribuíram mostrando aos alunos diferentes formas de movimentos, que a Educação Física não se restringe a prática de apenas uma modalidade esportiva, despertando o gosto pela Educação Física, mostrando a importância que possui, valorizando-a como as demais disciplinas. Também sentiram necessidade de trabalhar aspectos da socialização como o companheirismo, respeito pelos colegas, amizade e espírito de cooperação. Esses objetivos trabalhados vão ao encontro do que colocam Hildebrandt & Laging (1986, p.18-19) “o ensino da Educação Física deve ser entendido como uma organização apoiada sobre a educação e formação que proporcione situações pedagógicas em que o aluno deve aprender a dirigir suas próprias ações, questionar e agir autonomamente, a decidir em conjunto e sozinho, aprender a agir comunicativamente, cooperativamente...”. O Coletivo De Autores (1992), que defende uma pedagogia crítico-superadora para a Educação Física, também aponta para a necessidade de desenvolvermos uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo o individualismo, cooperação ao invés de disputa, distribuição em confronto com a apropriação, buscando a liberdade de expressão dos movimentos e a emancipação dos indivíduos. Os demais, que não conseguiram concretizar as suas expectativas, citaram como causas: a falta de interesse dos alunos, as deficiências do ensino deixadas pelos professores anteriores, a dificuldade de introduzir novos métodos de trabalho devido a escola e alunos não estarem preparados para tal, o curto espaço de tempo que tiveram, precariedade das condições físicas e materiais e, devido as turmas serem muito grandes. Esses fatos devem ser analisados com cuidado, pois a tendência dos acadêmicos é colocar a culpa de seu insucesso na formação que receberam e nas más condições físicas, materiais ou humanas, não sendo capazes de realizarem uma auto-crítica do trabalho que devem desenvolver. Os professores

devem ser capazes de adequar as suas aulas ao nível de desenvolvimento em que encontram-se os alunos, realizarem atividades onde os alunos consigam ter êxito, sendo desenvolvida de forma prazerosa, pois somente assim despertaremos o gosto pelas aulas de Educação Física.

Na segunda questão, (2) em relação as condições que esperavam encontrar para ministrar as aulas, 90,91% dos acadêmicos tiveram sua atenção voltada para as condições contextuais da escola. Verificou-se que os acadêmicos possuem consciência das más condições físicas, da falta de material e espaço adequado, realidade esta esperada por Betti (1995) quando coloca que as condições em que a Educação Física acontece nas escolas são cada vez mais precárias, as condições dos materiais, das quadras, principalmente nas escolas públicas, são lamentáveis. Com relação a virem a ter problemas com os alunos, como turmas grandes, com dificuldade de entrosamento, foram poucos (9,9%) que ressaltaram que tal situação poderia ocorrer. Notamos que as expectativas dos acadêmicos não eram positivas, o que segundo Souza (1988) ao realizar um estudo sobre as causas da perda de motivação do professor de Educação Física e da qualidade de suas aulas, encontrou com principais fatores pela perda do entusiasmo a falta de material específico, espaço mínimo livre e apropriado para as aulas, turmas com mais de 30 alunos, provocando insatisfação e tensão na qualidade de seu trabalho didático.

No segundo momento, para 61,54% dos acadêmicos a realidade correspondeu ao esperado, onde o principal aspecto encontrado foram as más condições físicas e a falta de material. No entanto, para o restante dos acadêmicos as condições encontradas foram piores que as esperadas. Os maiores problemas não relacionaram-se com os aspectos físicos, mas com a falta de interesse e dificuldades motoras dos alunos, falta de colaboração, incentivo e comunicação dos demais professores da escola. Isso mostra que os acadêmicos não estão preparados para lidarem com imprevistos, com alunos que procuram encontrar na Educação Física algo estimulante, sendo que ao planejarem suas aulas preocupam-se muito com as condições físicas e materiais. Quando as aulas não transcorrem conforme o planejado encontram uma desculpa, no caso as más condições de trabalho ou os próprios alunos. Estes fatores podem dificultar o trabalho a ser desenvolvido, mas será que estes professores, não estariam precisando realizar uma auto-crítica da sua competência enquanto docente?

O próximo aspecto analisado, (3) a orientação, 67,44% dos acadêmicos esperavam, por parte do professor da disciplina de Prática de Ensino que a orientação fosse boa e de poder contar com o apoio dele. Esperavam que o orientador realmente interviesse, orientasse, fizesse críticas, ajudasse a sanar as dificuldades e a desenvolverem um trabalho dentro da realidade. Em relação ao pessoal da escola, que envolve professores de Educação Física, direção, esperavam receber apoio 75,76% dos acadêmicos.

No final do semestre, ambos os índices caíram. Por parte do professor de Prática de Ensino apenas 27,03% dos alunos disseram que tiveram uma boa orientação,

que foram auxiliados quando precisaram. Para o restante, a grande maioria, o orientador esteve pouco presente e houve muitos casos em que não existiu orientação. Aqui cabe colocar a ressaltação de Tojal (1989) alegando que há um completo abandono no que concerne ao estágio e as práticas laboratoriais na prática didática, não existindo professores formados e, motivados para acompanhar e orientar essas atividades, deixando de ser trabalhada parte substancial da realidade que o futuro profissional iria encontrar, tanto quanto influenciará negativamente na concepção teórica do que seja Educação Física. Pode-se dizer que é de fundamental importância para os acadêmicos sentirem-se seguros, amparados e terem onde recorrer quando encontrarem dificuldades que não consigam superar sem auxílio. No entanto, os acadêmicos não podem esperar do professor de Prática de Ensino a solução para todos os problemas, pois “certas questões relacionadas a Prática de Ensino estão muito aquém da responsabilidade apenas do professor [...] o número excessivo de alunos coloca barreira a atuação competente do professor, já que inviabiliza um acompanhamento constante do alunos em seus campos de estágio, ao mesmo tempo que transforma o professor em andarrilho, muitas vezes errante” (Castro, 1996, p. 148-149).

Além do excesso do número de alunos para serem acompanhados durante a Prática de Ensino Castro (1996) aponta para outras problemas que o orientador encontra: dificuldade em encontrar uma escola em que a perspectiva teórica-metodológica do professor da escola corresponda, senão no todo, ao menos em parte a sua concepção teórico-prática; a precariedade de domínio do conteúdo que chegam determinados alunos para cursarem a disciplina, o que pode gerar insegurança durante a prática pedagógica, e a reduzida carga horária de quatro horas semanais que não permite ao estagiário uma pré-integração profissional com o trabalho da escola.

A existência desses problemas na Prática de Ensino são freqüentes, podendo dificultar o trabalho do professor que orienta os acadêmicos durante esse período, mas sabemos que a carga horária de prática de ensino está passando para 300 horas, o que pode vir a ajudar aos alunos a adquirir maior experiência docente. No entanto, não podemos ocultar a responsabilidade do professor de prática de ensino, de auxiliar os acadêmicos, principalmente aqueles que vêm com deficiências no domínio dos conteúdos, de métodos de ensino, na elaboração de planejamento, na avaliação e aqueles com pouca ou nenhuma experiência docente.

Quanto ao pessoal da escola, 48,39% dos acadêmicos receberam auxílio, pois esses mostraram-se preocupados com o trabalho que desenvolviam. Considerando que o pessoal da escola convive mais com o acadêmico, o índice ser maior é justificável, mas isso não quer dizer que esteja bom, é necessário estabelecer um compromisso entre os estagiários e as escolas que os recebem, pois deve haver uma troca de experiências, um trabalho conjunto e jamais deve-se permitir que os professores de Educação Física abandonem suas turmas para os estagiários. Mas o dado mais alarmante é a orientação

por parte da Prática de Ensino, não podemos fechar os olhos para isso, esse índice é agravante e precisa ser melhorado, assim como este espaço destinado á pratica do acadêmico deve ser bem utilizado, conforme coloca Montenegro (1994, p. 42) que “as experiências com estágios supervisionados, práticas de ensino, programas de extensão universitária e pesquisa são importantes oportunidades que os cursos oferecem aos alunos para que possam defrontar-se com diversas realidades, que representam opções no mercado de trabalho...”. Dessa forma, estaremos proporcionando aos futuros professores a possibilidade de perceber o espaço escolar como um espaço de trocas simbólicas, assim como identificar sobre determinantes que interferem nessa realidade e, a partir, daí, ter condições para poderem interferir nessas relações e na visão de mundo dos sujeitos que a compõe.

Outra preocupação desta pesquisa foi de levantar (4) as disciplinas, cujos conhecimentos adquiridos os acadêmicos esperavam poder utilizar durante a sua docência. As disciplinas técnicas aparecem em primeiro lugar, com 69,56% das citações, destacando-se os esportes coletivos, esportes individuais, as ginásticas, as didáticas e a dança. Também, mas em menor escala, aparecem as disciplinas humanísticas, como psicologia, fisiologia e desenvolvimento humano. Estas expectativas foram concretizadas unanimemente. Esses dados relacionam-se com uma pesquisa realizada com os acadêmicos do Curso de Educação Física da UFSM, no primeiro semestre letivo de 1996, onde constatou-se que 69,29% dos acadêmicos conseguem relacionar o conhecimento transmitido nas disciplinas técnicas com a prática pedagógica e apenas 41,46% dos acadêmicos conseguem fazer esta relação nas disciplinas humanísticas (Neuenfeldt, 1996). Essa dificuldade em encontrar a aplicabilidade das disciplinas humanísticas na prática pedagógica deve ser questionada, onde está o problema? Será que está nos professores dessas disciplinas que não conseguem relacionar os conteúdos com a realidade escolar? Será que está nos alunos que menosprezam tais disciplinas visto que procuram o curso de Educação Física devido, principalmente, ao gosto pelos esportes? É tempo de repensarmos a participação das disciplinas humanísticas na formação dos acadêmicos de Educação Física.

A experiência somente é adquirida através da prática, não há situação que reproduza a prática pedagógica com uma turma de alunos em uma escola. Por isso, procuramos verificar (5) quantos acadêmicos já haviam trabalhado com Educação Física Escolar, quando encontramos que 59,52% já o tinham feito e para 86,61% desses as experiências que haviam tido foram muito significativas para a Prática de Ensino. Essa experiência adquirida os ajudou a dar noção de como funciona o trabalho escolar, transmitiu maior segurança na hora de atuar, ajudando-os na organização de tarefas e também foi possível transpor conhecimentos. Notamos a importância de realizar-se estágios no decorrer do curso, onde o acadêmico deve procurar buscar um maior conhecimento na área que deseja atuar antes de concluir a sua formação acadêmica, adquirindo maior experiência pedagógica, pois além de ser ótimo para a sua formação serve de porta de

entrada para adquirir um emprego no futuro. “Mas nem todos os acadêmicos possuem essa consciência, muitos acadêmicos iniciam o curso pensando que já sabem tudo ou quase tudo, o que é necessário para saber como ensinar” (Lanier & Little apud Costa, 1995, p. 27), talvez por isso o professor na sua prática pedagógica dificilmente admite que errou. Devemos alertá-los da necessidade de realizarem estágios, pois dessa forma conseguirão melhorar a sua formação e melhor relacionar as disciplinas do curso com a prática pedagógica, tornando-se profissionais competentes. Para o restante dos acadêmicos (17,39%) as experiências que tiveram como professores de Educação Física Escolar não foram significativas, pois o trabalho que desenvolveram foi feito com alunos de faixas etárias bem diferentes e não foi possível aproveitar muita coisa.

Como já mencionamos, este curso forma professores de Educação Física Escolar, mas (6) quantos acadêmicos realmente pretendem atuar neste campo de trabalho? Anterior a ida para as escolas 59,54% pretendiam, pois alegaram gostar de crianças e de dar aulas, queriam melhorar a imagem da Educação Física, contribuindo com seus esforços na formação das crianças. Responderam também que estavam cientes que seriam educadores quando escolheram um curso de licenciatura e esperam encontrar como professores de Educação Física Escolar a realização profissional. Para 24,39% dos acadêmicos não souberam responder pois estavam em dúvida, dependeria da prática de ensino. Os demais 17,07% que não pretendia trabalhar em escolas, disseram que seus planos são para academias, escolinhas, clubes.

Chegamos no segundo momento a constatar um aspecto delicado dessa pesquisa. Em relação aos acadêmicos que pretendiam trabalhar com Educação Física Escolar após formados o índice permaneceu praticamente o mesmo. No entanto, o índice dos que não pretendiam trabalhar nesta área subiu para 36,04%. Esse aumento deve-se aos acadêmicos que estavam em dúvida decidirem, após a Prática de Ensino, que devido as más experiências que passaram pretendem assumir outro ramo de trabalho. Oliveira (1988) coloca que numa pesquisa que realizou com seis Cursos de Educação Física de São Paulo, encontrou-se evidências que mostram a existência de alunos matriculados em cursos de licenciatura em Educação Física que não possuem o objetivo de atuarem com professores de escolas de 1º e 2º graus. Estes alunos pretendem trabalhar em academias, clubes ou escolinhas.

Existem alunos que entram num curso de Educação Física, embora licenciatura, com a pretensão de trabalharem em outras áreas relacionadas que não seja a escolar e acabam rejeitando as disciplinas didáticas, comprometendo a sua futura ação pedagógica. No caso dos acadêmicos que decidiram não atuar na escola os indícios mostram que existem vários fatores que contribuíram para tal decisão. Entre eles foram citados a falta de experiência, a má orientação e as péssimas condições para ministrarem as aulas. Tudo isso, aliado a uma deficiente formação leva o acadêmico a sentir-se inseguro, a constranger-se perante uma turma de alunos, portanto devemos dar o apoio necessário para que esses

alunos não acabem frustrados, para que tenham êxito nas atividades que desenvolverem com seus alunos e que lute para superar as suas deficiências.

O último aspecto abordado (7) foi se os acadêmicos sentiam-se preparados para atuarem, 52,38% responderam que estavam e desses um terço nunca havia dado aula, e essa segurança é justificada nas experiências que tiveram anteriores ao curso ou no aprendizado que tiveram com seus professores, durante o curso. Sentiam-se preparados 26,19%, havendo dois terços dos acadêmicos que nunca deram aula e esta insegurança deve-se a falta de experiência com turmas de alunos, ao fato da formação que receberam não ter suprido suas necessidades quanto ao conteúdo, metodologia e planejamento das atividades a serem desenvolvidas. O ensino deve ser um acontecimento planejável, orientado para os objetivos, que segundo Hildebrand & Laging (1986, p. 6) “para alcançá-los devem ser viabilizáveis os conteúdos que servem de domínio subjetivo da vida em situações presentes e futuras, pois o ensino é também orientado para o conteúdo”. O restante, que corresponde a 21,42% dos acadêmicos, havendo um quinto que nunca deram aula, não possuem certeza da sua competência pedagógica, pois a realidade das escolas, dos alunos é diferente da universitária. No final do semestre, quando indagados novamente à respeito da sua formação, apenas 7,69% dos acadêmicos mudaram de opinião, sendo que encontraram mais dificuldades que o esperado, sentiram necessidade de mais leitura e dedicação para reverterem as situações constrangedoras que os alunos criavam nas aulas. Os demais, permaneceram com a mesma opinião, mais uma vez os acadêmicos, como no caso das contribuições que pretendiam deixar aos seus alunos, dizem que estão conscientes da sua competência pedagógica, e, com raras exceções, admitem a necessidade de maior conhecimento.

CONCLUSÃO

Ao falarmos na preparação do futuro profissional devemos tomar o cuidado para que a formação de professores de Educação Física “não se restrinja a uma simples opção: generalista ou especialista. Torna-se necessário que as autoridades responsáveis por essa tomada de decisão tenham em mente que a função desses profissionais é essencialmente docente, uma vez que são egressos de um curso de licenciatura e devem ser compreendidos como Educadores, quaisquer que sejam suas atuações” (Vieira (1984, p.113).

Reforçando essa idéia encontramos Escobar (1988) dizendo que quando falamos em formação profissional, o problema mais crítico, é a formação da consciência de “educador”, uma vez que esse processo de formação obstaculiza a percepção da dimensão política do processo escolar. Para a formação do “Educador” também exige-se o “domínio do conteúdo técnico, científico e pedagógico que traduza o compromisso

ético e político da maioria da população brasileira”.

Para Oliveira (1992) não há dúvida quanto a importância da Educação Física na escola. Contudo estamos prestes a perder este valioso espaço caso continuemos com práticas descompromissadas com a transmissão e produção do conhecimento. Nós já passamos esse momento histórico do “fazer por fazer”. Hoje estamos em um novo momento que é o de “refletir e fazer”.

Devemos ter claro quando nos referirmos a nossa prática pedagógica o que estamos fazendo, quais as conseqüências deste fazer, para quem e como elaborar nossas aulas. Somente assim construiremos uma identidade profissional, reconhecida e respeitada por todos. Para isso não podemos deixar de falar em formação profissional. A passagem de acadêmico de Educação Física para professor é um processo contínuo, que começa ao ingressarmos no Curso de Educação Física e segue por toda a vida, pois todas as experiências da prática pedagógica vão contribuindo para que o professor repense a sua atuação e assim busque melhorá-la. Devemos aprender com os erros e evitar repeti-los, mas para isso é necessário orientar tanto o acadêmico quanto o profissional para que realizem uma auto-reflexão do seu trabalho, e que sejam humildes o suficiente para aceitar sugestões e estejam dispostos a mudar caso seja necessário.

Necessitamos formar profissionais competentes, e aos Cursos de Educação Física cabe a responsabilidade de alertar os acadêmicos da necessidade de um envolvimento com as diversas possibilidades de atuação que a profissão oferece, que não se restrinja às experiências em sala de aula. Essa preocupação já estava presente em Costa (1988) quando ao referir-se a formação profissional nos seus respectivos processos no Brasil, comentou que é imprescindível lembrar que os compromissos da universidade devem sempre estar centrados no ensino, pesquisa e extensão. No ensino, a universidade assume papel de transmissão do saber, já conquistado, e de estabelecer uma relação imediata com a sociedade através da absorção de idéias e serviços de absorção direta. A pesquisa possui o processo de transformação do saber e através da ciência busca todas as suas possibilidades de atingir o desconhecido e a extensão estabelece o papel relevante de relação com a sociedade.

É de extrema importância que durante o curso de graduação o acadêmico seja aproximado da realidade, do seu campo de trabalho, que envolva-se em trabalhos com a comunidade escolar e não-escolar. Torna-se necessário que ele perceba se há alguma carência na sua formação e dessa forma, se necessário for, busque subsídios na própria instituição para saná-las. O acadêmico deve ser levado a questionar a própria prática pedagógica, ser capaz de buscar soluções para os problemas que aparecem e não simplesmente utilizar deficiências físicas e materiais como uma desculpa para justificar a má atuação.

A disciplina de Prática de Ensino reflete tanto a competência pedagógica dos acadêmicos para atuarem como professores de Educação Física Escolar, como a formação

que é oferecida pelo Curso. Devemos, portanto, repensar a formação que está sendo oferecida, a orientação que é dada para esses acadêmicos e o desejo deles de serem professores. Se estes acadêmicos realmente querem ser professores, então devem abraçar esta profissão, mostrarem-se competentes, darem o melhor de si, construir as suas aulas com carinho, mostrar que a Educação Física tem muito a contribuir para a vida das pessoas. Será que assim conseguiremos o tão sonhado respaldo da sociedade? Talvez, mas não devemos nos esquecer que a sociedade está impregnada com o processo da industrialização, com a busca da mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho, reflexos do sistema capitalista que vivemos e talvez esperam que o professor de Educação Física seja mais um adestrador de pessoas.

No entanto, a Educação Física tem muito mais a contribuir, somos capazes de fazer da nossa prática pedagógica, sem desvalorizar o esporte, a dança, a ginástica, os jogos, as lutas e a dança, um espaço de construção social. Podemos nas nossas aulas passar aos alunos alguns valores sociais como a honestidade, a amizade, o respeito e despertar o lado criativo, crítico que está escondido dentro de cada um de nós. Dessa forma daremos a nossa contribuição para a sociedade, resgatando o lado humano das pessoas e mostrando a elas que somos todos responsáveis pelo momento social, político e econômico que vivemos.

Com o aumento da carga horária para 300 horas é possível oferecer aos acadêmicos vivências em todos os níveis de ensino, ou seja, de 1ª a 4ª série, de 5ª a 8ª e no 2º grau, para que estejam preparados para exercer o papel de educadores, com crianças, adolescente e adultos. No entanto, “é verdade que o simples aumento da carga horária por si não é capaz de gerar a melhoria da qualidade do estágio. Contudo, articulado, com outras mudanças (redução do número de alunos por professor, por exemplo) parece inegável que esse é um passo fundamental para resgatar a Prática de Ensino do seu caráter artificial” (Castro, 1996, p. 150).

A Prática de Ensino é um espaço no qual deve ser oferecido a possibilidade do acadêmico converter o seu aprendizado em ensino, é o momento de transpor seus conhecimentos. Para isso, é necessário que tenha capacidade para planejar as suas aulas e de colocá-las em prática, e isso implica em saber estabelecer objetivos, que metodologia de ensino usar e como avaliar as suas aulas.

O acadêmico deve chegar à Prática de Ensino consciente dos conteúdos, da forma e com quem pode desenvolvê-los, respeitando a maturação e o nível de habilidade que encontram-se seus alunos. Dessa forma, os acadêmicos não vão esperar do professor de Prática de Ensino a solução para todos os problemas que encontrarem, pois o desejo da presença constante do professor durante a prática pedagógica reflete a insegurança e a falta de domínio da mesma.

O que também precisa ficar claro para os acadêmicos de Prática de Ensino é que trabalhamos com seres humanos e, muitas vezes, com turmas de mais de vinte alunos,

onde cada aluno é um ser diferente, portanto, nem tudo possui uma receita, um método correto, uma fórmula mágica. Assim como um a dia aula pode ocorrer maravilhosamente bem, em outra pode levá-lo a pensar em desistir da profissão. No entanto, estando ciente da nossa função de educador devemos sempre dar o melhor de nós mesmo para que nossas aulas sejam significativas para a vida de nossos alunos, transmitindo a eles os conteúdos da Educação Física e através deles a possibilidade de no futuro poderem beneficiarem-se do aprendizado que tiverem, quer como lazer, no bem-estar físico e mental, na saúde, no relacionamento com as pessoas, enfim, em uma melhor qualidade de vida.

Aos cursos de Educação Física cabe incentivar os acadêmicos para que venham a tornarem-se educadores, para que atuem em escola. Para isso a Prática de Ensino deve ser realizada em escolas que ofereçam condições mínimas de trabalho, onde o professor de Educação Física da escola deve ter o compromisso de acompanhar o estagiário. Assim, contando ainda com o apoio do professor de Prática de Ensino, o estagiário sentirá-se mais seguro, e dessa forma irá tornar-se um profissional competente, vindo a tornar-se um profissional autônomo, ou seja, capaz de tomar suas próprias decisões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, I. C. R. Educação Física Escolar: a percepção discente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 16 (3) 158-167, Maio/1995.

CASTRO, G. de. Reflexões sobre a Prática de Ensino. **Educar em Revista**. Curitiba, Paraná: Editora da UFPR, n.º 12, p.147-152, 1996.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino da Educação Física**. Editora Cortez.1992.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução n.º 003, de outubro de 1997. Dispõe sobre o artigo 26 da Lei 5.540/68. Fixa os mínimo de conteúdo e duração a serem observados nos cursos de graduação em Educação Física/Bacharelado e/ou Licenciatura Plena. Documenta (322). Brasília, p. 14.682, outubro de 1987.

COSTA, V. L. de M. A Formação Universitária do Profissional de Educação Física. In: **PASSOS, S.C.E.(organizadora). Educação Física e Esportes na Universidade**. Brasília. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Física e Desportos, p. 207-224, 1988.

- COSTA, F. C. Formação de Professores: objectivos, conteúdos e estratégias. **Revista da Educação Física. UEM.** Volume 5. N.º 1, p. 26-39, 1994 .
- ESCOBAR, M. O. Reformulação dos Currículos de Formação em Educação Física. **Revista Motrivivência.** Departamento de Educação da Universidade de Sergipe. Ano I, N.º 1, dezembro de 1988.
- HILDEBRANDT, R. & LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico S/A, 1986.
- JANUÁRIO, C. e MATOS, Z. - **A identidade profissional em Educação Física e Desporto** - Revista de Educação Física e Desporto - Horizonte - Volume XII - N.º 71 - p. 163-167. Janeiro/fevereiro de 1996.
- MEDINA, J. P. S. **A Educação Física Cuidando do Corpo e “Mente”.** 2ª edição, 1993.
- MEZZADRI, Fernando Marinho. **A Educação Física no 3º Grau: História; Função; Análise da Proposta Curricular.** Departamento de Educação Física. FEF/ UNICAMP, 1994.
- MONTENEGRO, P. C. A. Formação, (De) Formação ou Formatação? Reflexões Sobre a Formação do Professor de Educação Física. **Motus Corporis.** Universidade Gama Filho. Ano I, N.º 2, p. 35-43, 1994.
- NETO, A. F. - **Ensino e avaliação em Educação Física** - Edição orientada pelos professores Manuel José Gomes Tubino Cláudio Reis - SP - IBRASA - 1993.
- NEUENFELDT, D. J. Currículo do Curso de Educação Física: relação entre as disciplinas técnicas e humanísticas. **Anais da III Jornada de Pesquisa, Extensão e Ensino da UFSM.** Santa Maria, RS, 1996.
- OLIVEIRA, J. G. M.: Preparação Profissional em Educação Física. In: **PASSOS, S.C.C.E. (organizadora) Educação Física e Esportes na Universidade.** Brasília. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Física e Desportos, p. 225-246, 1988.
- OLIVEIRA, A. A. B. Analisando a Prática Pedagógica da Educação Física. **Revista Semestral dos Professores de Londrina (APEF).** Londrina. Volume VII. N.º 13. Julho, p. 11-14, 1992.

RABISTEK, E. Repensando a Formação dos Professores de Educação Física da UFPR. Monografia não publicada. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. PR. 1996.

SOUZA, Vera Sandra M. H. de Causas da perda da motivação do professor de Educação Física e da qualidade de suas aulas, no segundo segmento do primeiro grau. Dissertação de mestrado RJ: UFRJ, 1988.

TOJAL, J. B. A. G. - Currículo de Graduação em Educação Física: “A busca de um Modelo” - Editora da UNICAMP - Campinas - 1989.

VIEIRA, F. C. da S. Graduação em Educação Física: Formação Generalista ou Especialista. Homo Sportivus. Coleção Especial de Educação Física e Desporto. 1ª Edição - Palestra Edições Ltda. Rio de Janeiro. RJ. Volume I. p. 109-114. 1984.

ANEXO 01:

MATRIZ ANALÍTICA

Dimensões	Variáveis	Indicadores
Expectativa	- atuação - orientação - formação - trabalho	- escola - contribuição - segurança - Educação Física Escolar
Experiências	- como professor	- anterior à Prática de Ensino

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70